

MARIE MEURDRAC, QUÍMICA PARACELSIANA E FEMINISTA DO SÉCULO XVII¹

Lucia Tosi

Laboratoire de Physique et Chimie Biomoléculaire - Université Pierre et Marie Curie - Paris - França

Recebido em 24/8/95; aceito em 9/11/95

MARIE MEURDRAC, PARACELSIAN CHEMIST AND FEMINIST OF XVIIth CENTURY. Among the seventeenth century French Paracelsians Marie Meurdrac appears as the first woman in the history of Chemistry. Only one treatise written by her, *La Chymie charitable et facile, en faveur des dames*, first published in 1666, is known. Many interesting information concerning the author's professional background and practise, as well as her personality, particularly her claims regarding women rights to learn, to teach, and to publish, (by far an advancement for her time) may be drawn by a careful reading of the text. Her treatise contains five sections: 1) the principles and operations of Chemistry, 2) the vegetables, 3) the animals, 4) the metals, 5) the preparation of medicines. A sixth section specially dedicated to women is, in fact, a small treatise on cosmetology. As a Paracelsian she frequently refers to the Holy Scriptures but she also adopts Duchesne's view about the ternary nature of the Paracelsian elements.

Keywords: Marie Meurdrac; seventeenth century Chemistry; women's rights.

De Marie Meurdrac só se conhece uma obra: *La Chymie charitable et facile, en faveur des dames*, cuja primeira edição data de 1666. Existem três exemplares dessa obra na Bibliothèque Nationale de Paris. Um da primeira edição no qual figura o nome da autora, Damoiselle M. Meurdrac. Não está indicado o nome do editor mas figura o lugar de venda, rue des Billetes et rue du Plastre. O livro, um pequeno volume in 12, contém diversos textos liminares: uma dedicatória à condessa de Guiche e várias poesias alusivas à obra (seis sonetos e um sexteto), um prefácio, 334 páginas de texto, um índice, uma tabela de símbolos e outra de pesos. Não contém figuras. Além disso, a aprovação da Faculdade de Medicina de Paris², feita em 10 de dezembro de 1665 e a autorização do rei³, de 20 de dezembro de 1665, para a publicação por um período de dez anos⁴.

O segundo exemplar é da segunda edição com o mesmo título, mas o nome da autora figura como Damoiselle M. M. e está indicado o nome do conhecido editor de livros científicos dessa época, Jean d'Houry; a data é de 1674. A aprovação dos médicos da Faculdade de Medicina e a autorização do rei são as mesmas que as da primeira edição⁵.

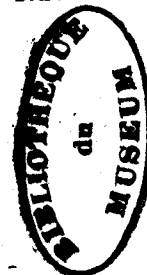
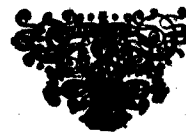
O terceiro exemplar é da terceira e última edição mas carece do nome de autor e contém a seguinte legenda: "Última edição revista e ampliada com várias preparações novas e interessantes". O editor é Laurent d'Houry e a edição de 1711. Contém a mesma dedicatória das duas edições anteriores, uma nova aprovação de outubro de 1672, a autorização do rei de 5 de dezembro de 1681 por um período de 15 anos, acrescentando: "acabado de imprimir pela primeira vez, em virtude da presente autorização, a 20 de janeiro de 1867". Falta o prefácio. O livro contém 418 páginas às quais foram adicionadas outras 18 contendo "O remédio soberano do prior de Cabrières para as perdas, dadas ao público graças à bondade do Rei"⁶.

Existe também uma cópia da primeira edição na biblioteca do Museu de História Natural de Paris, que pertenceu ao químico Chevreul. Nessa cópia figura a data de 1656, e que tudo indica ser um lapsus, já que os textos e as datas da aprovação da Faculdade de Medicina e a autorização do rei são os mesmos que os da edição de 1666. Parece ser uma primeira impressão dessa primeira edição, na qual o nome da autora figura como Damoiselle M. M. e só a rue de Billetes como lugar de venda⁷. O texto da Bibliothèque Nationale apresenta entretanto

**LA CHYMIE
CHARITABLE
ET FACILE,
En faveur des Dames.**

Par Damoiselle M. M.

Ch. 21A



**A PARIS,
Se vend rue des Billetes, où il y aura
parcilles Affiches.**

M. DC. LVI.

Avec Privilege du Roy.

Página de rosto do exemplar da primeira edição de La Chymie Charitable et Facile, existente na Biblioteca do Museu Nacional de História Natural. (datada em 1656).

pequenas variantes, certos termos são substituídos por outros mais precisos ou adequados.

F. Hoeffler na sua História da Química cita duas edições feitas em alemão em Frankfurt em 1673 e 1676⁸. Na Bibliotheca Chemica de Ferguson figuram as edições de 1666, de 1676 e outra em italiano, publicada em Veneza em 1682⁹.

L A
CHYMIE
CHARITABLE
ET FACILE,
En faveur des Dames.
Par *Damoiselle M. M.*
SECONDE EDITION.



A PARIS,
Chez **JEAN D'HOÛRY**, à l'Image
S. Jean, sur le Quay des Augustins.
M. DC. LXXIV.
Avec Privilège & Approbation.

Página de rosto do exemplar da segunda edição de *La Chymie Charitable et Facile*, existente na Bibliothèque Nationale. (Datada em 1674).

William Cole indica por seu lado as mesmas edições francesas, alemãs e italiana¹⁰. Gmelin faz referência a seis edições alemãs: três em Frankfurt, 1673, 1676 e 1738; três em Erfurt, 1689, 1712 e 1731; das quais duas in 8º (1731 e 1738)¹¹. Uma segunda edição feita em Lyon em 1680 pelo editor Jean Baptiste Deville é citada por Bishop e DeLoach¹².

VIDA DE MARIE MEURDRAC

Até agora não temos achado nenhuma informação sobre a vida de Marie Meurdrac a não ser uma mensagem do editor ao leitor, na terceira edição do livro, nos seguintes termos:

*"Seria inútil proclamar os méritos desta obra, as impressões já feitas são prova suficiente da sua utilidade. Basta dizer que a Damoiselle que o fez foi um dos mais belos espíritos que apareceram no nosso século. As pessoas que desfrutaram de suas sábias conversas rendem esse testemunho à sua memória. Mas a morte demasiadamente precipitada que nos a arrebatara privou-nos dos outros outros tratados que ela prometia e que não foram encontrados. De minha parte consegui somente recuperar o exemplar que eu sabia ela ter revisto e ampliado com várias e novas preparações e que apresento em esta terceira edição. Tudo o que foi adicionado ou mudado figura indicado com uma pequena estrela no índice"*⁶.

Se, como indicado pelo editor, a terceira edição foi impressa pela primeira vez em 1687, sendo a edição de 1711 uma reimpresão daquela, pode-se inferir que Marie Meurdrac faleceu antes dessa data e, sempre segundo a opinião do mesmo, de maneira um tanto inesperada e sem deixar ordens ou herdeiros. Como essa é a última edição e a autorização do rei era válida por quinze anos, ou seja até 1696, a mesma autorização foi utilizada por mais um período de igual duração. Tudo indica, por tanto, que esse pequeno livro teve na sua época um apreciável sucesso e a autora reconhecidos méritos.

A condessa de Guiche, à qual a obra é dedicada, era uma dama de ilustre linhagem, bisneta do grande Sully, ministro de Henrique IV, e neta de Séguier, chanceler do Reino. Na sua

dedicatória Marie Meurdrac se referindo aos dons da condessa fale de:

"votre illustre Naissance, votre grande Vertu et votre Beauté" (vossa ilustre ascendência, vossa grande virtude e vossa beleza).

No fim ela acrescenta:

"Tomo a liberdade, Senhora, de vos apresentar este pequeno fruto de minhas vigílias; ele trata da conservação de vossa saúde posto que vos proporcionará grande número de remédios para esse fim. Se tiver a honra de vos agradar, posso vos afirmar que é verdadeiro e fiel e que o meu maior anseio é o de ser vossa humilde, submissa e obediente servidora". (Assinado: Marie Meurdrac)⁴.

Esse texto nos leva a sugerir que, muito provavelmente, a relação de Marie Meurdrac com a condessa de Guiche provinha do fato dela fornecer a essa dama os remédios que preparava. É interessante assinalar, também, que no primeiro dos três sonetos em homenagem à autora e a sua obra se faz referência expressa ao fato da condessa ser a sua protetora:

*"É de tua ilustre escolha uma marca bem justa de ter por protetora uma pessoa augusta"*⁴.

Na primeira edição do livro, que não dá nome de editor, o rei concede direito exclusivo à autora, pelo prazo de dez anos, para fazê-lo imprimir e vender². Na segunda edição figura um aditamento ao primeiro privilégio, com data de janeiro de 1666, no qual a autora cede seus direitos de impressão e venda a Jean d'Houry³. É de se supor, portanto, que foi a condessa de Guiche a patrocinadora e, provavelmente, financiadora da primeira edição e que Marie Meurdrac fez logo depois um acordo diretamente com o editor.

ANÁLISE DA OBRA

Diversas informações acerca da vida profissional e do caráter da autora podem ser inferidas da leitura do livro de Marie Meurdrac. Assim, o prefácio que figura na primeira e segunda edições, além de apresentar o conteúdo do tratado, fornece dados que permitem deduzir qual a formação e a esfera de atividade da autora e ter uma idéia bastante clara sobre a sua personalidade.

Ela demonstra ser uma autodidata pois diz:

*"Quando comecei este pequeno tratado foi para minha satisfação pessoal e para não perder a memória dos conhecimentos que adquiri através de um longo trabalho e diversas experiências várias vezes reiteradas. Não posso ocultar que vendo-o acabado e sendo melhor do que eu tinha ousado esperar tive a tentação de publicá-lo, mas se tinha razões para dá-lo à luz, também tinha para mantê-lo oculto e não expô-lo à censura geral"*⁴.

É útil ressaltar que a partir do início do século XVII Jean Beguin ministrava cursos de química medicinal na escola de farmácia que ele mesmo criara em Paris. Esse tipo de cursos teórico-práticos feitos por farmacêuticos no próprio laboratório perduraram até o século XIX¹³. A partir de 1640 com a criação do "Jardin du Roy", que contava com um jardim de plantas medicinais, sala de aula e laboratórios, o ensino da química aplicada à produção de medicamentos passou a ter um caráter mais oficial. Existiam já vários livros de química, entre os quais o mais conhecido era o de Jean Beguin. Uma pessoa medianamente inteligente podia, por tanto, aprender química. No caso particular de uma mulher existiam dificuldades adicionais e eram necessárias outras qualidades: coragem, ousadia, determinação. Fontenelle, fazendo o elogio dos cursos de química ministrados por Nicolas Lemery no último quartel do século XVII e inícios do XVIII, dizia:

*"Até as damas, arrastadas pela moda, tinham a audácia de se mostrarem em tão douradas assembleias"*¹⁴.

Havia, portanto, mulheres interessadas nessa nova ciência, não necessariamente arrastadas pela moda como apontava malignamente Fontenelle. Possivelmente algumas iam além da curiosidade e estudavam a matéria. Mas, para fazer da química uma profissão, escrever um tratado e chegar a ousadia de intentar publicá-lo era necessária muita audácia e resolução.

Marie Meurdrac explica então as razões de sua determinação e diz:

*"Nesse combate fiquei indecisa durante quase dois anos. A objeção que eu fazia a mim mesma era não ser o ensino profissão de mulher; que ela deve permanecer calada, escutar e aprender, sem demonstrar o que sabe, que publicar uma obra está por cima de sua condição; que habitualmente isso não contribui à sua boa reputação pois os homens desprezam e desaprovam sempre o produto da mente feminina. Além disso, que os segredos não devem ser divulgados e que, enfim haveria muito que criticar sobre a minha maneira de escrever. Estava persuadida, por outro lado, de não ser a primeira a por alguma coisa no prelo, que a mente não tem sexo, que se a das mulheres fosse cultivada como a dos homens e se empregasse tanto tempo e meios em instruí-las, poderiam igualá-las; que o nosso século viu nascer mulheres que na prosa, na poesia, nas línguas, na filosofia e mesmo no governo do estado não cedem em nada à competência e a capacidade dos homens"*¹⁴.

Essa profissão de fé mostra que Marie Meurdrac era muito adiantada para a sua época e permite identificá-la como feminista, na linha direta de Christine de Pizan¹⁵. Afirmar que a capacidade intelectual de ambos sexos é a mesma, que as mulheres estariam em condições de igualar aos homens se lhes dessem a mesma educação, eram então noções francamente subversivas. No século seguinte, no período revolucionário, as mulheres reivindicaram a mesma educação para ambos sexos, e somente Condorcet a proporia à Assembleia Constituinte sem resultado¹⁶. Sete anos após a primeira edição de *La chimie charitable et facile* Molière, na sua peça "Les femmes savantes", ridicularizaria as mulheres que demonstravam algum saber ou se interessavam pela ciência. Seu personagem Clitandro repete quase textualmente os termos de Marie Meurdrac:

*Je consens qu'une femme est de clartés de tout;
Mais je ne lui veut point la passion chocante
De se rendre savante afin d'être savante;
Et j'aime que souvent, aux question qu'on fait,
Elle sache ignorer les choses qu'elle sait;
De son étude enfin je veux qu'elle se cache
Et qu'elle est du savoir sans vouloir qu'on le sache,
Sans citer les auteurs, sans dire de grands mots,
Et clouer de l'esprit à ses moindres propos*^{17,18}.

A autora prossegue:

"Além disso, esta obra é útil pois que contém numerosos remédios infalíveis para curar doenças, para manter a saúde e vários e raros segredos em benefício das damas, não somente para conversar, mas também para aumentar as vantagens que receberam da natureza; ...que ensina com fidelidade e precisão a pô-los em prática com facilidade e que seria pecar contra a caridade ocultar os conhecimentos que Deus me deu e que podem ser aproveitados por todos. Esses são os motivos que me decidiram a deixar sair este livro de minhas mãos. Espero que o público me seja grato e que não se detenha tanto a glosar sobre meu estilo, já que o tema tratado não se presta, como a tirar benefício dos meus preceitos, para ter sucesso, e fazer com exatidão as operações que se tome a pena de praticar. Além disso, peço aqueles que as realizem o favor de distribuir os remédios com liberdade aos pobres, como eu tenho feito até agora, posto que eu ensino a prepará-los quase sem despesa; e como, enfim, é justo que eu tire proveito de minhas

*vigílias, como reconhecimento os conjuro a se lembrarem de mim na caridade que façam, a me fazerem partícipe do mérito de suas obras, solicitando ao céu nas suas preces... mais luzes e conhecimentos ainda mais úteis que eu possa transmitir"*¹⁴.

A seguir, Marie Meurdrac fornece algumas informações mais precisas sobre a sua prática profissional:

*"No que concerne às damas que se contentarem em saber, simplesmente, sem querer se tomar a pena de realizar as operações que julgarão necessárias devido ao tempo a empregar, à variedade da vasilha e de outros utensílios indispensáveis, ou que terão receio quanto ao resultado, explicar-lhes-ei pessoalmente quando me fizerem a honra de se comunicarem comigo e prepararei eu mesma o que desejem que eu lhes ensine"*¹⁴.

O que quer dizer que ela possuía um laboratório e, além disso que não obstante a sua profissão de fé sobre o direito da mulher a aprender e ensinar, era perfeitamente ciente das limitações que a sociedade impunha. Seu tratado podia ser de utilidade a toda pessoa que desejasse preparar medicamentos. No entanto, ensinar essa técnica pessoalmente, só era tolerado, ou permitido, no caso de se tratar de aprendizes do seu mesmo sexo. É de supor, então, que esse tipo de atividade constituía seu meio de vida. A esse respeito é útil lembrar que na Idade Média, as mulheres preparavam e vendiam poções e praticavam a medicina como empíricas sendo, às vezes, perseguidas e processadas, particularmente na França¹⁹. Na Alemanha da Renascença, a prática das empíricas podia eventualmente ser tolerada com a condição de não fazer publicidade e até de oferecer gratuitamente esses serviços²⁰.

Finalizando Marie Meurdrac acrescenta:

*"Dividi esse livro em seis partes: na primeira trato dos princípios e operações, vasos, lutos, fornos, fogos, símbolos e pesos; na segunda falo da virtude dos simples, de suas preparações e da maneira de extrair os sais, as tinturas, as águas e as essências; a terceira é a dos animais; a quarta dos metais; a quinta da maneira de fazer as medicinas compostas com muitos remédios todos experimentados; a sexta é um benefício das damas, onde se fala de todas as coisas que podem conservar e aumentar a beleza. Fiz o melhor que pude para explicar bem e facilitar as operações: não quis deixar meus conhecimentos ignorados e posso assegurar-vos que tudo o que ensino é verdadeiro e que todos os remédios foram experimentados, do que glorifico o Senhor"*¹⁴.

A definição da química aparece no primeiro capítulo da primeira parte, que trata do sal:

*"A Química tem por objeto os corpos mixtos divisíveis e solúveis sobre os quais age para extrair os três princípios, que são: sal enxofre e mercúrio, o que faz por meio de duas operações gerais, solução e congelação"*³.

A diferença de vários outros autores de sua época que incluíam, além dos três princípios de Paracelso, dois dos elementos aristotélicos, a água e a terra, Marie Meurdrac só aceita a Tria Prima. No entanto, e nisso também se distingue de seus contemporâneos, considera cada um deles como composto, por sua vez, de outros três. Assim, há três espécies de sal: fixo, nitro e amoníaco; três de enxofre: grosseiro, meio e sutil e, ao tratar do princípio mercúrio, diz:

*"Todas as coisas que são no mundo provêm de um e esse um produz três: o que nos pôde dar uma idéia do mistério adorável da Trindade, não somente em cada sujeito mas em cada princípio. Vimos nos capítulos precedentes três classes de sal e três condições de enxofre. É também o caso dos três diferentes mercúrios os quais, como já disse no capítulo do sal, procedem de um só e se diversificam pela mistura dos outros dois princípios"*⁴.

Essa ternária de cada um dos princípios de Paracelso, provém de Duchesne (Quercetanus, 1544-1609), autor que Marie

Meurdrac não cita, mas o qual, no seu *Traité de la Matière*, diz ao tratar dos três princípios:

*"...a dita preparação extrai da terra três princípios que podem ser separados um do outro, mas que subsistem entretanto em uma mesma essência, se distinguindo pelas propriedades e virtudes, no que se manifesta e pode se relacionar o incompreensível mistério de três pessoas em uma mesma hipótese, ou existência, que constituem a divina trindade... assim, na nossa comparação sobre o sal, se podem ver três naturezas diferentes, as quais, no entanto, subsistem todas elas em uma mesma essência, pois a primeira natureza é o sal comum fixo e firme, a segunda é o sal volátil;... e esse sal volátil contém duas espécies de sal volátil: um sulfuroso que se inflama rapidamente e que se chama nitro; o outro mercurial, aquoso, ácido participa da natureza do sal amoníaco"*²¹.

Outro traço que permite distinguir a marca de Paracelso, autor que Marie Meurdrac tampouco cita na sua obra, é a referência constante ao Criador e as Sagradas Escrituras. Tanto a filosofia como a medicina que Paracelso preconizava deviam se basear em dois livros da revelação divina: a Sagrada Escritura e o livro da Criação, ou seja, a Natureza²². Assim, na segunda parte da obra que trata dos vegetais, ela afirma:

*"...A Santa Escritura nos dá um forte testemunho de suas vantagens (dos vegetais); quando Deus quis purificar a terra de seus crimes com uma inundaçāo universal, o vegetal não participou dessa puniçāo, pois todos os simples apareceram depois do desastre mais verdes que antes. O ramo de oliveira da pomba atesta a vitória desse sobre os outros reinos"*⁴.

Prossegue citando exemplos bíblicos e finaliza:

*"Mas como todas as coisas que são deste mundo participam da puniçāo do homem, precisam ser preparadas a fim de retirar as más qualidades a reunir os princípios puros e limpos de toda a corrupçāo e proporcionar a saúde à parte doente. É o que faz a Química, ao realizar a divisāo das substâncias e ao fazer os medicamentos puros, e abertos, capazes de penetrar até a parte mais escondida e interior do nosso corpo"*⁴.

Que Marie Meurdrac não cite nem Paracelso nem Duchesne parece justificado pois nessa época esses autores eram muito controversos e particularmente execrados pela Faculdade de Medicina de Paris²². Menciona, no entanto, famosos alquimistas: Basílio Valentin, Rupescissa e Raimundo Llull. Do primeiro, ao tratar da preparaçāo dos sais:

*"Para preparar sais é preciso ter cinzas. Por isso Irmão Basílio Valentin disse no seu Tratado das doze Chaves (da filosofia): "se não tens cinzas não terás sais"*⁴.

Dos outros dois ao se referir a obtençāo do "espírito de vinho":

*"Rupescissa o eleva até o céu e faz com que ele seu ouro potável... Raimundo Llull o considerava um específico para toda classe de doenças"*⁴.

Mas cita outros autores, como Avicena, Mattioli e Dioscórides, ao se referir ao alecrim. Aproveita a ocasiāo para mostrar a importāncia da metodologia química no preparo de medicamentos mais puros e eficazes:

*"Não é sem razāo que os filósofos atribuíram ao alecrim a primazia sobre todos os outros vegetais... Rupescissa o coloca na categoria das coisas temperadas; Avicena, Mattioli, Dioscórides, Dalechamps e outros atribuem-lhe poderes e facultades capazes de regenerar o homem e de dar-lhe novas forças. A maior parte desses autores ignoravam a preparaçāo dos simples e os prescreviam crus ou em decocçōes grosseiras; mas dizem tantas maravilhas... que nós estamos no direito de afirmá-las quando estāo bem preparados, purificados e desprovidos de suas más qualidades"*⁴.

Se é bem verdade que essa última declaraçāo a enquadra como partidária da filosofia química de Paracelso, ela não é uma adepta típica, pois no seu livro dedica muito maior espaço aos vegetais (88 páginas) do que à soma das dedicadas aos animais (19 páginas) e aos minerais (31 páginas). Os paracelsianos contemporāneos reservavam o maior espaço aos remédios de origem mineral.

Os minerais e metais figuram na quarta parte da obra e na apresentaçāo a autora observa:

*"Se bem os metais e minerais parecem estar afastados do homem, e ainda que a Sagrada Escritura não faça mençāo nenhuma de sua criaçāo, eles não deixam de nos fornecer remédios muito saudáveis. Hoje a medicina se serve deles com feliz sucesso. É necessário, entretanto, que sua preparaçāo seja feita exatamente pois sāo remédios violentos, ainda que tomados em pequena quantidade e nas doenças rebeldes e enraizadas. Quando comecei este livro me propuz não falar senão de minhas experiências. Por essa razāo, não conhecendo suas preparaçōes nem sua utilidade na medicina, suprimi nesta parte as operaçōes sobre o ouro e a prata. Tenho visto várias operaçōes às quais se tem dado o nome de ouro potável, de tintura de ouro, de óleo de prata, que não me foi possível compreender não conseguindo me convencer que corpos tão perfeitos e condensados pudessem ser liquefeitos. Não quer dizer que eu condene essas operaçōes por não poder concebê-las. Seria tão temerária como os cegos que afirmariam que o sol não existe porque não o vêem"*⁴.

O ceticismo demonstrado por Marie Meurdrac em relaçāo aos métodos usados entāo para solubilizar o ouro e a prata, indicam ser ela uma boa observadora e experimentadora. Nessa parte da obra, no capítulo relativo ao nitro (salitre), descreve a preparaçāo do cristal mineral (sulfato de potássio), obtido originalmente por Glaser, seu contemporāneo que publicara a primeira ediçāo de seu *Traité de la Chymie* dois anos antes¹³, o que indica estar a autora bem atualizada. No que diz respeito aos medicamentos a base de antimônio, tema particularmente controverso nesse período, a autora antecipa:

*"Os filósofos trataram o antimônio de tantas maneiras que se poderia escrever vários volumes sobre suas operaçōes; eu me limitarei a três ou quatro cujos efeitos sāo seguros e experimentados"*⁴.

É interessante ressaltar a esse respeito que o vinho emético, a base de antimônio, que ela descreve e que fora objeto de intermináveis querelas entre partidários e inimigos da utilizaçāo dos derivados desse elemento, foi aceito pela Faculdade de Medicina de Paris por decreto de março de 1666²².

No prefácio da quinta parte da obra, que ocupa 65 páginas de texto, a autora nos adverte:

*"Não pretendo tirar mérito dos remédios que dou à luz como sendo de minha autoria. Confesso que a maior parte sāo receitas de médicos prestigiosos da Faculdade de Medicina de Paris... Outra parte me foi oferecida por meus amigos. Não posso negar que eu compus alguns desses remédios, que a experiēncia demonstrou ser eficazes. Posso afirmá-lo. Tendo experimentado todos eles posso assegurar a sua eficácia. Nas seções precedentes ensinei a maneira de operar e como preparar os remédios e dei as virtudes e facultades de vários mixtos. Resta-nos agora pô-los em prática"*⁴.

Isso mostra que Marie Meurdrac circulava no ambiente dos químicos da época, médicos e provavelmente farmacêuticos (seus amigos).

A sexta e última parte, a mais longa (93 páginas), é um pequeno manual de cosmetologia em cuja introduçāo a autora diz:

"Adicionei esta parte a meu livro em benefício das mulheres para preservá-las de um infinito número de acidentes que acontecem ao se aplicar sobre o rosto produtos dos quais não

conhecem a composição. Facilito as operações e as explico da maneira mais inteligível possível para ensinar a fazer elas mesmas as coisas que necessitem. Escolherão as águas e pomadas que serão mais adequadas, pois o que é bom para um tipo de tez, não é bom para outro. É preciso nutrir as peles delicadas e magras (secas) e umedecê-las: para isso são necessárias águas de carne, ou leite, ou pomadas. Para as pessoas gordas que possuem pele oleosa, é preciso torná-la mais seca; para esse efeito são boas as águas em que entrem alguns ácidos como vinagre destilado, suco de limão, água da Rainha de Hongria (álcool). Aquelas que possuem tez grossa, que é necessário limpar e desgastar para torná-la mais delicada, as aplicações também no seu rosto, a miude no começo, para refazer a tez; depois a conservação e a alimentação usando alguma água ou pomada que julgarão adequada. Sobre tudo aconselho às Damas pôr a menor quantidade possível de cânfora porque estraga e faz os perder os dentes e provoca muitas fluxões. No que concerne ao mercúrio, ao sublimado e ao estanho, recomendo fortemente não utilizá-los de maneira nenhuma; além de destruir a beleza do rosto pelo uso prolongado, produzem doenças deploráveis, algumas das quais incuráveis. Pelo que as damas devem ficar prevenidas”⁴.

Os sábios conselhos de Marie Meurdrac relativos ao tratamento dos diversos tipos de pele, assim como a advertência específica sobre o uso dos compostos de mercúrio e estanho, especialmente o sublimado que era utilizado amplamente na preparação de cosméticos, a revela como uma cosmetóloga particularmente competente e responsável.

CONCLUSÃO

O pequeno tratado de Marie Meurdrac é, sobretudo, uma obra prática que pode ser comparada ao *Traité de la Chimie* de Christophle Glaser, bastante completa e acessível ao grande público da época, o que explica a boa acolhida de que gozara no período compreendido entre a primeira edição francesa de 1666 e a última alemã de 1738.

REFERÊNCIAS E NOTAS

1. Um resumo deste trabalho foi apresentado no V Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia que teve lugar em Ouro Preto de 24 a 28 de julho de 1995.
2. Extrato do privilégio do rei: "pela graça e privilégio do rei, é permitido a Demoiselle Marie Meurdrac de fazer imprimir um livro que ela compôs intitulado *A Química Caritativa e Fácil*, etc, durante o espaço de dez anos com proibição a outros de imprimir-lo ou vendê-lo durante esse tempo sem o consentimento da dita autora ou daqueles que ela dará direito, sob as penas estabelecidas pelo dito privilégio. Concedido em Paris a 20 de dezembro de 1665".
3. Aditamento de privilégio anterior: "A dita Demoiselle Marie Meurdrac há cedido e transferido seu direito de Privilégio, pelo tempo e conformes às cláusulas que contém, a Jean d'Houry, livreiro editor, segundo o acordo feito entre eles. Registrado no Livro da Comunidade a 5 de janeiro de 1666".
4. Meurdrac, M.; *La Chymie Charitable et Facile, En faveur des Dames*. Par Damoiselle M. M.. A Paris, se vend rue des Billetes et rue du Plastre proche la rue S. Avoye ou il aura pareilles affiches, 1666. Avec Privilège du Roy.
5. Meurdrac, M.; *La Chymie Charitable et Facile, en faveur*

6. Meurdrac, M.; *La Chymie Charitable et facile. En faveur des Dames*. Denière Edition. Revue et augmentée de plusieurs préparations nouvelles et curieuses. A Paris, chez Laurent d'Houry, au bas de la rue de la Harpe, devant la rue St. Séverin, au Saint esprit, 1711. Avec Privilège et Approbation.
7. Meurdrac, M.; *La Chymie Charitable et Facile. En faveur des Dames*. Par Damoiselle M. M.. A Paris. Se vend rue des Billetes, ou il y aura pareilles affiches, 1656. Avec Privilège du Roy.
8. Hoeffler, F.; vol. II, Firmin Didot Frères, Paris 1866-1869, p. 275.
9. Ferguson, J.; *Biblioteca Chemica*, vol. II; The Holland Press: London, 1954; p 92.
10. Cole, W. A.; *Chemical Litterature, 1700-1860*. Mansell Publishing Limited. London and New York 1988, p. 384.
11. Gmelin, J. F.; *Geschichte der Kunste und Wissenschaften seit der Wiederherstellung derselben bis an das Ende der achtzehnten Jahrhunderts. Achte Abteilung. Geschichte der Naturwissenschaften*. II Geschichte der Chemie. Zweiter Band: Göttingen 1798, p 228.
12. Bishop, Lloyd O.; DeLoach, W. S.; *J. Chem. Ed.* 1970, 47, 448.
13. De Milt, C.; *Early chemistry at Le Jardin du Roi, J. Chem. Ed.* 1941, 18, 503.
14. Metzger, H.; *Les doctrines chimiques en France du début du XVIIe à la fin du XVIIIe siècles*. Presses Universitaires de France: Paris, 1923, p 248.
15. de Pizan, C., 1364-1430; Poetisa, historiadora e moralista. Autora de *La Cité des Dames*, 1405, obra de combate para defender as mulheres e mostrar a sua contribuição à história das artes, das ciências.
16. Badinter, E.; Badinter, R. C.; *Un Intellectuel en Politique*. Fayard: Paris, 1988, p 445.
17. Molière, O.; *Complètes GF-Flammarion*, vol 4, Paris, 1979, p 304.
18. Consinto que uma mulher saiba de tudo mas não admito nela a paixão chocante de adquirir saber para se tornar sábia; e gosto que amiúde sobre as questões que se apresentam, ela aparente ignorar as coisas que conhece, seus estudos; enfim, quero que os oculte e que possua saber sem querer que se saiba, sem citar os autores, sem usar grandes frases e sem parecer sagaz nas mínimas expressões.
19. Kibre, P.; *Bull. Hist. Med.* 1953, 24,1.
20. Wiesner, M. E.; *Working Women in Renaissance Germany*, Rutgers University Press; New Brunswick: New Jersey, 1986, p 49.
21. Duchesne, J.; *Traicté de la Matière; Preparation et excellente vertu de la Medecine Balsamique*. Auquel Sont Addioustez Deux Traictes, l'un des Signatures Externes, l'autre des Internes et Specificques, Conformément à la Doctrine et Practique des Hermetiques. Par Ios du Chesne. Sieur de la Violette. Conseiller et Medecin Ordinaire du Roy. Morel, C.; Imprimeur Ordinaire du Roy, Paris 1646, p. 42-43.
22. Debus, A. G.; *The French Paracelsians. The Chemical Challenge to Medical and Scientific Tradition in Early Modern France*; Cambridge University Press: London, 1991, p 8.